



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

**Os desafios das abordagens sobre a construção do gênero nas aulas de Sociologia e as suas implicações sociais para estudantes do ensino médio**

**The challenges of approaches to the construction of gender and their social implications for high school students**

**Silvia Mello Souto Maior**

IFRJ *campus* São Gonçalo;  
Doutora em Sociologia (IUPERJ).  
[silvia.maior@ifrj.edu.br](mailto:silvia.maior@ifrj.edu.br)

**Resumo**

Este relato de experiência docente pretende contribuir com a reflexão sobre ferramentas pedagógicas que possibilitam a ampliação do conhecimento sociológico sobre gênero debatido na disciplina de Sociologia no ensino médio. Apresentando uma perspectiva decolonial ao conceito de gênero, o relato compartilha o processo de realização de projetos desenvolvidos no IFRJ *campus* São Gonçalo que engajaram estudantes na produção de *podcasts* e conteúdo digital em redes sociais e provocaram reflexões sobre papéis sociais fixados, localizando-os em suas origens culturais e históricas e oferecendo-lhes outros significados de corpo, gênero e cosmo percepções de mundo por meio de epistemologias feministas, antirracistas e decoloniais.

**Palavras-chaves:** Gênero. Feminismo. Decolonial. Ensino de Sociologia. *Podcast*.

**Abstract**

This teaching experience report aims to contribute to reflection on pedagogical tools that enable the expansion of sociological knowledge about gender discussed in the Sociology discipline in high school. Presenting a decolonial perspective on the concept of gender, the report shares the process of projects developed at the IFRJ *campus* São Gonçalo that engaged students in the production of *podcasts* and digital content on social networks and provoked reflections on fixed social roles, locating them in their cultural and historical origins and offering them other meanings of body, gender and cosmo perceptions of the world through feminist epistemologies, anti-racist and decolonial.

**Keywords:** Gender. Feminism. Decolonial. Teaching Sociology. *Podcast*.

**Introdução**

Ministrar a temática relacionada às construções de gênero, as desigualdades sociais e as diversidades que permeiam este conceito sociológico para estudantes do ensino médio é um

desafio da docência em Sociologia. Primeiro porque esta temática está muito presente no senso comum. Os estudantes são cotidianamente atravessados por narrativas distintas sobre a diversidade de gênero, a “ideologia de gênero” em perspectivas religiosas, a transexualidade e a homoafetividade. No mundo contemporâneo, os diferentes papéis de gênero são cotidianamente reconstruídos por meio de rompimentos e reafirmados pelos papéis de gênero tradicionais. Sendo assim, a Sociologia enquanto disciplina científica e acadêmica propõe uma reflexão mais aprofundada que se afasta e, ao mesmo tempo, se conecta ao senso comum, buscando realizar a pedagogia dialética freiriana de apropriação dos saberes trazidos pelos estudantes e a sua ampliação e autorreflexão permanentes (Freire, 1974). Este caráter emancipador, apesar de não estar necessariamente na gênese da Sociologia, tem sido incorporado por professores e pesquisadores devido ao seu potencial crítico.

Em segundo lugar, lidamos com adolescentes em fase de construção das suas identidades, em franco processo de formação e “encaixe”, vivendo em um mundo globalizado, multicultural, povoado por ideologias que emergem de relações de poder e pelo crescimento de discursos fundamentalistas (Hall, 2004). Sendo assim, a aula de Sociologia acaba sendo compreendida muitas vezes como mais uma narrativa do senso comum, na qual o professor irá “dar a sua opinião” disputando com “influenciadores digitais” e atores sociais diversos. Poderia parecer, à primeira vista, que temas tão presentes na vida cotidiana de adolescentes - a construção de sua identidade de gênero e as desigualdades e violências que permeiam as relações de gênero tradicionais - trariam o interesse e a participação imediata da turma nas aulas. Entretanto, o universo amplamente acessado das redes sociais digitais muitas vezes favorece a construção de “certezas absolutas” e opiniões rígidas, mais do que propriamente ao debate de ideias e a valorização do contraditório. Alguns estudantes chegam em sala de aula fechados para as discussões ou, por outro lado, com a certeza de que já sabem tudo sobre o assunto e que, portanto, as aulas de sociologia seriam “mais do mesmo”.

As estratégias docentes para esses desafios que emergem em sala de aula podem ser diversas. Neste relato, compartilho uma estratégia bem-sucedida que se tornou possível devido a existência dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro *campus* São Gonçalo<sup>1</sup>. O primeiro, “A invenção das Mulheres: gênero em perspectiva decolonial” foi um projeto de extensão desenvolvido com fomento do CNPq na modalidade PIBIC Ensino Médio<sup>2</sup> entre 2021 e 2022 e contou com 1

---

<sup>1</sup>“Os Institutos Federais são instituições, pluricurriculares e multicampi (reitoria, campus, campus avançado, polos de inovação e polos de educação a distância), especializados na oferta de educação profissional e tecnológica (EPT) em todos os seus níveis e formas de articulação com os demais níveis e modalidades da Educação Nacional, oferta os diferentes tipos de cursos de EPT, além de licenciaturas, bacharelados e pós-graduação. Os institutos têm como obrigatoriedade legal garantir um mínimo de 50% de suas vagas para a oferta de cursos técnicos de nível médio, prioritariamente na forma integrada”. (Portal MEC).

<sup>2</sup> O IFRJ lança anualmente editais de pesquisa e de extensão com financiamento de agências governamentais e/ou com fomento interno para submissão de projetos docentes.

estudante bolsista e 3 estudantes voluntárias. O segundo, “Feminismos em perspectiva decolonial” foi aprovado pelo CNPq em 2023 estando ainda em andamento e conta com 4 estudantes voluntárias e a participação de algumas docentes do Instituto. As estudantes são alunas dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de Química e de Administração com faixa etária entre 16 e 18 anos.

O objetivo principal dos projetos foi a realização de núcleos de estudos com grupos menores de estudantes interessados em aprofundar esses temas e com disponibilidade para rodas de leitura, debates, pesquisas e a produção de *podcasts*<sup>3</sup> e de um perfil nas redes sociais para a divulgação do conhecimento e o diálogo com a sociedade. As estudantes envolvidas se tornaram multiplicadoras do conhecimento, pois construíram ferramentas sólidas de conceituação sociológica com leitura de livros inteiros e não de fragmentos selecionados. No dia a dia da sala de aula temos ementas extensas e tempo delimitado para fechamento de notas sendo algumas vezes difícil aprofundar alguns conteúdos.

Deste modo, os grupos de estudo uniram estudantes por afinidade de interesses e lhes oportunizaram uma formação relevante. A utilização de ferramentas digitais ampliou o escopo desse aprendizado, aproximando a escola do mundo vivido fora dela. O tema pôde ser comunicado de forma mais eficiente entre os adolescentes, ampliando o debate.

A utilização de diferentes mídias como ferramenta pedagógica vem ganhando cada vez mais espaço na educação. Bevort e Belloni (2009) enfatizam a necessidade de sua integração nos processos educacionais sem o qual não pode haver cidadania completa e conectada com as demandas sociais. Os autores apontam para uma mudança de perspectiva que via os meios de comunicação de massa pelo seu caráter homogeneizador e pela recepção acrítica de conteúdos, para uma abordagem que incorpora a mídia-educação não somente como ferramenta pedagógica, mas também para o estreitamento da relação entre a escola e o mundo exterior, integrando as experiências midiáticas dos estudantes. Sendo assim, mais do que ferramentas pedagógicas, Bevort e Belloni compreendem as novas mídias como formas de expressão e de participação social, sendo necessária à sua inclusão no processo educacional para a cidadania plena.

No Brasil, a produção e o consumo de *podcasts* é recente. Os primeiros programas surgiram em 2004, mas o seu crescimento ocorreu principalmente devido à pandemia do Covid-19. Inicialmente utilizados para transmissão de programação musical, os *podcasts* são cada vez mais utilizados em variados contextos e finalidades. No contexto educacional passou a ser utilizado como ferramenta de divulgação científica e na transmissão de conteúdos que possam ser acessados e ouvidos a qualquer hora. Além disso, quando produzido por meio de construção

---

<sup>3</sup> O *podcast* é uma mídia em áudio, geralmente em formatos de arquivo MP3 ou MP4, que pode ser ouvido via streaming e/ou feito o download do *website*, da plataforma ou pelos chamados tocadores. O termo *podcast* surgiu com a junção de *ipod* (dispositivo de reprodução de áudio/vídeo da Apple) e *broadcast* (método de transmissão ou distribuição de dados), sendo o arquivo de áudio um episódio.

colaborativa com metodologia ativa, esta ferramenta traz a possibilidade da promoção de uma aprendizagem significativa. (Cruz, 2009; Fleischer e Noronha 2022).

Na literatura sobre educação temos alguns exemplos de utilização de *podcasts* em projetos de ensino: (Ribas e Noronha (2021), Sampaio-Silva e Bodart (2015), Moura e Carvalho (2006), Bottentuit e Coutinho (2007), Barros e Menta (2007).

Sampaio-Silva e Bodart (2015) relatam sua experiência inovadora na realização do podcast “Café com Sociologia”<sup>4</sup> utilizado nas aulas de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia em 2013. Após apresentar a ferramenta e criar um ambiente sonoro contendo poemas, músicas e uma linguagem mais popular, os professores envolvidos notaram um aumento no rendimento dos discentes e uma melhora na relação entre professor e aluno.

Fleischer e Noronha (2022) apontam que a linguagem descontraída, as músicas e as sonoplastias têm o potencial de aproximar estudantes, professores, convidados ou interlocutores dos episódios dos *podcasts*, gerando um sentimento de identificação. O processo de produção dos *podcasts* por estudantes oportunizam habilidades de organização, comunicação e aprendizagem colaborativa (Bottentuit & Coutinho 2007).

### **A pesquisa e a extensão como ferramentas importantes na formação escolar de nível médio**

Atuando como docente de Sociologia no IFRJ há 14 anos participei de diversos projetos de pesquisa e extensão com estudantes de ensino médio relacionados a temática das identidades de gênero. Ao longo de mais de uma década, realizamos intervenções, palestras, debates, cine debates, rodas de conversa, exposição de cartazes, pesquisas com estudantes e servidores. A temática sobre gênero e diversidade sexual esteve presente no IFRJ *campus* São Gonçalo ao longo desses anos, embora sempre com alguma resistência da comunidade escolar a estas questões sensíveis à opinião pública. (Souto Maior e Souto Maior, 2018).

Este histórico de atuação nos levou, em um momento posterior, a incluir abordagens teóricas que trabalham perspectivas não ocidentais e narrativas críticas ao eurocentrismo. Assim, nascem os projetos de extensão “A invenção das mulheres: gênero em perspectiva decolonial” em 2021 e “Feminismos em perspectiva decolonial” em 2023.

O projeto de extensão “*A invenção das mulheres’ - gênero em perspectiva decolonial*” foi criado em meio a pandemia de Covid-19 e, neste contexto de aulas e reuniões remotas, a produção de *podcasts* surgiu como uma possibilidade de contribuição para a ampliação do conhecimento sociológico sobre gênero e sociedade debatido na disciplina de Sociologia. O projeto buscou apresentar aos estudantes uma perspectiva decolonial do conceito de gênero.

---

<sup>4</sup> A iniciativa recebeu o “Prêmio Professores do Brasil” do ano de 2013.

O termo decolonialidade emerge em uma escola de pensamento com forte expressão latino-americana e busca se afastar das epistemologias euro centradas e sua pretensão de universalidade. A hegemonia ocidental na produção de conhecimento e cultura tem como base uma suposta superioridade europeia ocidental em detrimento dos povos colonizados e subalternizados nos processos de colonização desde a chegada dos povos europeus na América. Sendo assim, a decolonialidade é o descentramento epistêmico no mundo colonizado pelo padrão eurocêntrico. (Mignolo, 2000).

Autores da perspectiva decolonial criticam a episteme eurocêntrica e a sua lógica que opera por separações e reducionismos como Espaço e Tempo, Natureza e Sociedade (Lander 2005) e a invenção europeia do Oriente no século XIX como uma região geográfica considerada racialmente e culturalmente inferior (Said, 1981).

As rodas de leitura do projeto se debruçaram sobre as obras das antropólogas Oyèrónké Oyewùmí (2021) e Margareth Mead (2009). Nos estudos sobre questões de gênero, Oyewùmí se destaca com uma concepção afrocentrada a partir da cosmopercepção da sociedade iorubá pré-colonial.

O grupo de estudos se reunia semanalmente de modo remoto para debater os capítulos dos livros e, ao longo de um ano, construímos os roteiros dos *podcasts* a partir do que as estudantes consideraram mais relevantes nas leituras. Gravamos 5 episódios de 6 a 16 minutos que foram publicados na plataforma *Spotify*. A produção dos roteiros foi bastante trabalhosa e complexa, pois as leituras eram densas e exigiu organização e trabalho coletivo. Os episódios buscaram provocar reflexão e mudanças de atitudes da comunidade escolar e do público em geral com a possibilidade de crítica à ideia de papéis de gênero socialmente fixados, localizando-os em suas origens culturais e históricas.

A nossa sociedade possui desigualdades de gênero amplamente estudadas e mensuradas por estudos diversos (PISCITELLI, 2019). Há uma construção social de gênero e imposições rígidas de papéis sociais e de comportamentos fixados nos indivíduos de acordo com o seu sexo biológico que estruturam uma concepção binária de gênero (BEAUVOIR, 2008, DAVIES, 2016 HOOKS, 2015). Os *podcasts* tiveram como ponto de partida a problematização destes papéis sociais questionando “será que foi sempre assim?”, ou, “será que é assim em todas as culturas e sociedades?”.

A discriminação de gênero costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados inatos, decorrentes das distinções corporais entre homens e mulheres, em especial relacionadas às suas diferentes capacidades reprodutivas.

No livro *A Invenção das Mulheres*, Oyewùmí, afirma que não havia hierarquia social baseada no gênero em iorubalândia, região da África Ocidental ocupada pelos iorubás, localizada em sua maior parte no território atual da Nigéria. A própria ideia de "mulher" como um grupo que compartilha os mesmos interesses, desejos ou posição não existia naquela sociedade antes da colonização em África. Apresentando dados históricos e testemunhos de pessoas iorubanas que vivenciaram o período pré-colonial e da análise da linguagem local, a autora conclui que antes da colonização britânica a sociedade Oyó-Iorubá não era organizada em termos de gênero. Propondo outras configurações para pensarmos corpo, gênero e visões de mundo na contramão da lógica ocidental de hierarquização e fixação de papéis sociais, a autora nos apresenta modos de existência que questionam as categorias que vêm sustentando os discursos hegemônicos ao longo dos séculos.

Oyewùmí compreende o gênero como uma categoria construída no Ocidente, cujos significados de família, casamento, maternidade, linhagem e parentesco devem ser analisados a partir de seus contextos ocidentais quando aplicados em sociedades africanas. A autora não descarta o gênero como um conceito legítimo e importante para se refletir as relações entre os sujeitos e o sexismo, mas chama a atenção para a necessidade de contextualização para o estudo de sociedades distintas.

Em seu ensaio *Sexo e Temperamento* publicado em 1935, a antropóloga estadunidense Margareth Mead realiza um trabalho de campo imersivo em diferentes sociedades localizadas em Papua-Nova Guiné. A obra propõe uma linha de ruptura com a ideia ocidental dos condicionantes biológicos sobre os comportamentos e hábitos de homens e mulheres. Tomando como base as construções sociais do mundo ocidental, a pesquisadora observou outras construções culturais de papéis sociais de gênero, rompendo com a perspectiva inata que atribuía os comportamentos e emoções humanas ao fator biológico.

Essas leituras que foram transformadas em *podcasts* analisaram como a ideologia do determinismo biológico encontra-se no cerne das categorias sociais ocidentais, nos oferecendo novas referências de análise sobre a categoria gênero. Além de categorias teóricas, o aprendizado de utilização da ferramenta de *podcasts* enriqueceu o repertório de comunicação e expressão das estudantes, possibilitando o seu protagonismo na construção desse conhecimento. Com o retorno do ensino presencial, os *podcasts* foram inseridos nas aulas como motivadores e como material de estudo.

Em 2023 iniciamos uma nova rodada de leituras em continuidade ao tema da decolonialidade, agora especificamente sobre epistemologias feministas decoloniais. Autoras como Lélia Gonzales, que propõe a categoria amefricanidade, Luiza Bairros, Djamila Ribeiro, que enfatizam a expressão do feminismo negro, Maria da Graça Costa, que aponta para novas propostas, como o ecofeminismo e Françoise Vergès e Angela Davies que reivindicam um Os desafios das abordagens sobre a construção do gênero | Silvia Mello Souto Maior

feminismo antirracista, anticapitalista e anti-imperialista estão sendo lidas e debatidas em grupos de estudantes servidoras do *campus*<sup>5</sup>.

O projeto “Feminismos em perspectiva decolonial” está em andamento e o grupo organiza publicações em redes sociais buscando uma comunicação contextualizada e bem fundamentada. A dinâmica das atividades permanece a mesma do projeto anterior, mas agora no modo presencial. Realizamos reuniões semanais para debater os textos e estamos em fase de construção do perfil virtual “descolonizando.ifrj”.

As leituras, debates e a produção dos *podcasts* contribuíram para a formação plural e inclusiva dos estudantes do IFRJ, ampliando suas visões de mundo e possibilitando o questionamento e a problematização dos conhecimentos e construções sociais estabelecidos. As estudantes se dizem muito impactadas pelas leituras e se mostram motivadas e orgulhosas pela oportunidade de produção destes conteúdos. Estas experiências pedagógicas trouxeram a decolonialidade definitivamente para o centro do debate sociológico na sala de aula e fora dela, na medida em que conectam os conceitos sociológicos com a desconstrução de uma visão eurocêntrica de sociedade, além de proporcionar a difusão do conhecimento para além do espaço escolar.

A criação dos *podcasts* foi um projeto piloto que surgiu em meio a pandemia de Covid-19 com um grupo reduzido de estudantes. Entretanto, pretendemos expandir essa experiência não somente como ferramenta pedagógica, mas também como meio de expressão dos estudantes em sala de aula durante o ano letivo. A criação de *podcasts* pretende tornar o aprendizado significativo, com a roteirização elaborada pelos estudantes, conferindo aproximação com as leituras propostas pela professora de sociologia. A hipótese de que a produção de um material próprio contribui para a autonomia no aprendizado e protagonismo estudantil e de que a utilização de novas tecnologias digitais tem o potencial de gerar aprendizagens mais significativas<sup>6</sup> aproximando a sociologia do mundo contemporâneo está em curso não como panaceia para os problemas enfrentados pelas escolas, mas como uma atualização necessária sob o risco de tornar a educação descolada do mundo vivido pelos adolescentes.

### **Considerações finais**

A sala de aula é um espaço dinâmico no qual relações são construídas e vinculadas ao aprendizado. A sociologia no ensino médio possui grande potencial de provocar reflexões sobre

---

<sup>5</sup> Até o momento, o grupo leu *Quem tem medo do feminismo negro* de Djamila Ribeiro e *Mulheres, raça e classe* de Angela Davis.

<sup>6</sup> A teoria da aprendizagem de Ausubel (1982) propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados, pois a aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio.

temas cotidianos, incrementando o repertório dos estudantes, fornecendo ferramentas teóricas que vinculem suas vivências a uma compreensão mais aprofundada sobre essas experiências particulares em articulação com a sociedade em que vivem e com o mundo do qual fazem parte, isto é, a “imaginação sociológica” que nos é tão cara (Mills, 1959).

Oliveira e Cigales (2019) apontam para o fortalecimento da Sociologia no currículo escolar desde a sua implementação em 2008. Apesar das tentativas de cerceamento de algumas temáticas por grupos conservadores e ainda pelo fato de não haver uma definição sobre o seu lugar no âmbito da reforma do Ensino Médio em curso, existe uma tendência de consolidação da sociologia escolar com a crescente produção de livros didáticos, a criação de associações voltadas exclusivamente para a discussão sobre o ensino das ciências sociais, além da inserção da sociologia na BNCC. Projetos como esses podem contribuir para a consolidação das ciências sociais no Ensino Médio quando conseguem se alcançar os estudantes em uma aprendizagem significativa, estimulando o desenvolvimento social e o espírito crítico.

Conectar as teorias sociológicas com as vivências e as opiniões particulares dos estudantes sobre as construções e relações de gênero na sociedade, fazendo-os refletir e propondo-lhes uma leitura crítica das diversas narrativas que circulam principalmente nas redes sociais e nos ambientes virtuais, é o principal desafio da sociologia para a abordagem desta temática no ensino médio. Leitura crítica e descolonizada, capaz de relacionar questões individuais com os contextos históricos e sociais diversos têm sido a tônica da minha trajetória como educadora e o caminho que persigo nas contingências humanas as quais somos confrontados diariamente na profissão docente.

\*Link do Podcast *Gênero em perspectiva decolonial*. Projeto de Extensão "A invenção das mulheres - gênero em perspectiva decolonial". PIBIC Ensino Médio, 2022. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/su00edlvia-mello-souto-maior>. Acesso em 22 dez. 2023.

## **Bibliografia**

AUSUBEL, D. P. *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

BARROS, Gilian C e MENTA, Eziquiel. *Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã*. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, vol. IX, n. 1, ene. abr., 2007. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012621.pdf>. Acesso em 22 dez. 2023.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.



BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón (Organizadores). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Coleção cultura negra e identidades, ed. Autêntica, 2019.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas. *Educ. Soc.*, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 dez. 2023.

BOTTENTUIT, João Batista e COUTINHO, Clara Pereira. Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte. In:BARCA, A., PERALBO, M., Porto, A., DUARTE DA SILVA, B. e ALMEIDA, L. (Eds.). *Libro de Actas do Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía*. A.Coruña: Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación. 2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7094/1/pod.pdf>. Acesso em 22 dez. 2023.

BUARQUE DE HOLLANDA Heloisa (organizadora). *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CRUZ, Sónia Catarina. O Podcast no Ensino Básico. In:CARVALHO, Ana Amélia A. (Org.). *Actas do Encontro sobre Podcasts*. Braga: CIED. 2009. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9991/1/Cruz-2009-Enc%20sobre%20Podcasts.pdf>. Acesso em 22 dez. 2023.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FLEISCHER, Soraya e NORONHA, Ana Luiza. Podcast, Educação e Antropologia: Uma revisão bibliográfica (2019-2022). *Revista Café com Sociologia*, v.11, pp. 01-16, jan./dez., 2022. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1361/560>. Acesso em 22 dez. 2023.

FREIRE, PAULO. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2004.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. *Colección Sur Sur*, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: setembro 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>. Acesso em 22 dez. 2023.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 4ª ed, 2009.

MIGNOLO Walter D. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. [S.l.]: Princeton University Press, 2000.

MILLS, C. Wright. *The sociological imagination*. London: Oxford University Press, 1959.

MOURA, Adelina e CARVALHO, Ana Amélia A. *Podcast: Potencialidades na Educação. Revista Prisma*, n. 3, p. 88-110, 2006. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2112/1945>. Acesso em 22 dez. 2023.

OLIVEIRA Amurabi; CIGALES Marcelo Pinheiro. O Ensino de Sociologia no Brasil: um balanço dos avanços galgados entre 2008 e 2017. *Revista Temas em Educação*. João Pessoa: v. 28, n.2, p.42-58, maio/ago 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/46060/27636>. Acesso em 22 dez. 2023.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de. (et. al), *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis, 2019.

RIBAS, Pedro Bezerra e NORONHA, Ana Luiza. *Podcasts em sala de aula: tecnologias educativas e pedagogias orais. Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia VIII ReACT –22 a 26 de novembro de 2021*. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3720/3591>. Acesso em 22 dez. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIOS, Flavia, LIMA, (Organizadoras). *Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SAID, Edward. *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

SAMPAIO-SILVA, Roniel e BODART, Cristiano das Neves. O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*. v. 20, n. 1, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/2236-6377.15.9/pdf>. Acesso em 22 dez. 2023.

SOUTO MAIOR, Silvia e SOUTO MAIOR, Mariana. Ações Pedagógicas e Relações de Gênero na Escola: pesquisa e intervenção com estudantes do Ensino Médio do IFRJ. In: TORRES, Anália. COSTA, Dália Maria João Cunha (Org.) *Estudos de gênero: diversidade de olhares num mundo global*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa. p. 95-112, Lisboa: Edições ISCSP, 2018. Disponível em: [http://cieg.iscsp.ulisboa.pt/images/eBook/eBook\\_estudos\\_de\\_genero\\_diversidade\\_de\\_olhares\\_n\\_um\\_mundo\\_global.pdf](http://cieg.iscsp.ulisboa.pt/images/eBook/eBook_estudos_de_genero_diversidade_de_olhares_n_um_mundo_global.pdf). Acesso em 22 dez. 2023.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

**Recebido em:** 30 de outubro de 2023.

**Aceito em:** 24 de fev. de 2014